

Diogenes da Cunha Lima

NATAL DE ZE ZUS

Projeto gráfico e ilustrações:
Sendino



editora**ifrn**

Natal, 2017

Lima, Diogenes da Cunha.
L732n Natal de Zé Zus / Diogenes da Cunha Lima; projeto gráfico e
ilustrações: Sendino. – Natal: IFRN, 2017.
40 p : il. color.

1. Literatura infantil. 2. Literatura Infantojuvenil. 3. Literatura
infantojuvenil – Cidade do Natal. I. Lima, Diogenes da Cunha Lima.
II. Título.

CDU 82-93

Catálogo da publicação na fonte elaborada pela Bibliotecária
Patrícia da Silva Souza Martins – CRB: 15/502

Esta obra foi submetida e selecionada por meio de edital específico
para publicação pela Editora IFRN.

Presidente da República
Michel Miguel Elias Temer Lulia

Ministro da Educação
José Mendonça Bezerra Filho

Secretária de Educação Profissional e Tecnológica
Eline Neves Braga Nascimento



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte

Reitor
Wyllys Abel Farkatt Tabosa
Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação
Márcio Adriano de Azevedo
Coordenadora da Editora IFRN
Darlyne Fontes Virginio

Conselho Editorial

Albino Oliveira Nunes
Alexandre da Costa Pereira
Anderson Luiz Pinheiro de Oliveira
Anísia Karla de Lima Galvão
Cláudia Battestin
Darlyne Fontes Virginio
Emiliana Souza Soares Fernandes
Fábíola Gomes de Carvalho
Francinaide de Lima Silva Nascimento
Francisco das Chagas de Mariz Fernandes
Francisco das Chagas Silva Souza
Genoveva Vargas Solar
José Augusto Pacheco
José Everaldo Pereira
José Gllauco Smith Avelino de Lima
Jozilene de Souza

Jussara Benvindo Neri
Lenina Lopes Soares Silva
Liege Monique Filgueiras da Silva
Márcio Adriano de Azevedo
Maria da Conceição de Almeida
Maria Josely de Figueiredo Gomes
Melquiades Pereira de Lima Junior
Nadir Arruda Skeete
Neyvan Renato Rodrigues da Silva
Rejane Bezerra Barros
Régia Lúcia Lopes
Rodrigo Siqueira Martins
Samuel de Carvalho Lima
Sílvia Regina Pereira de Mendonça
Valcinete Pepino de Macedo
Wyllys Abel Farkatt Tabosa

Revisora:
Francisca Freire - francisca.ffc@gmail.com

Disponível para *download* em:
<http://memoria.ifrn.edu.br>

Autor do projeto gráfico e ilustrações:
Claudio Fabiano Sendino - sendino.claudio@gmail.com



Contato
Endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol.
CEP: 59015-300, Natal-RN.
Fone: (84) 4005-0763 | E-mail: editora@ifrn.edu.br

Este livro

é dedicado à criança
que há em nós. Ela alimenta
o meu espírito, estimula a
alegria de viver.

CAPÍTULO I

Tudo aconteceu em um dia vivido por quatro meninos: Zé Zus, Tim, Tom e Pedrinho.

É dia de Natal e o sol sai das águas do mar. No Parque das Dunas, Zé Zus nasce, ou melhor, renasce. O rosto do filho de Dona Maria brilha tanto que ofusca os olhos da parteira Mãe Luíza.

Acontece o espanto: sabiás-laranjeiras, bem-te-vis e lavandeiras comandam a revoada de pássaros, alinhada em forma de sino,



contrastando com um céu ainda mais azul. Xananas, esquecidas de que são flores, voam como se fossem borboletas. Os ventos alísios produzem, nas folhas das árvores, música veludosa e aliciante. Ipês e craibeiras florescem em roxo e amarelo. Cajus amadurecem, perfumando. Chuvas de dezembro afagam as dunas verdes.



A bela morenidade de Mãe Luíza torna-se ainda mais vistosa. No seu melhor sorriso, a parteira usufrui do prodígio, e os seus olhos de bondade são carícias ao Menino. Quando ela dá fé, o Menino está ali, crescido, sorrindo, com aparência de ter uns seis anos, sem nada de especial, a não ser um certo ar asiático e o luzir de sua face.

A distância, ouve-se um canto: O nascer desse Menino mudou nossa vida humana, trocou da mãe o destino, fez luz que a todos irmana, foi um simples carpinteiro, como o pai, em Nazaré, Filho do Homem, o primeiro, o bom, o Deus. Sua fé move montanhas. Amado por muitos homens lhe dão coroa de espinhos, cardos, acre e áspera solidão. Foi Jesus um desterrado, por sobre o bem e o mal. Seja aqui seu lar sagrado, sua cidade, Natal.

Mãe Luíza reflete e percebe que não é delírio. Das suas mãos saíra um grande príncipe. Fascinada, ela quer compreender e puxa conversa:

- Como é seu nome, Menino?
- Eu sou Zé, sou um Zé.
- Zé de quê?
- Zé Zus.
- Zé Zus. Você é Zeus?
- Zé Zus. Zeus é nome da mitologia.

É como os gregos antigamente diziam para identificar meu Pai.

– Meu Rei, como eu devo considerar o Senhor?

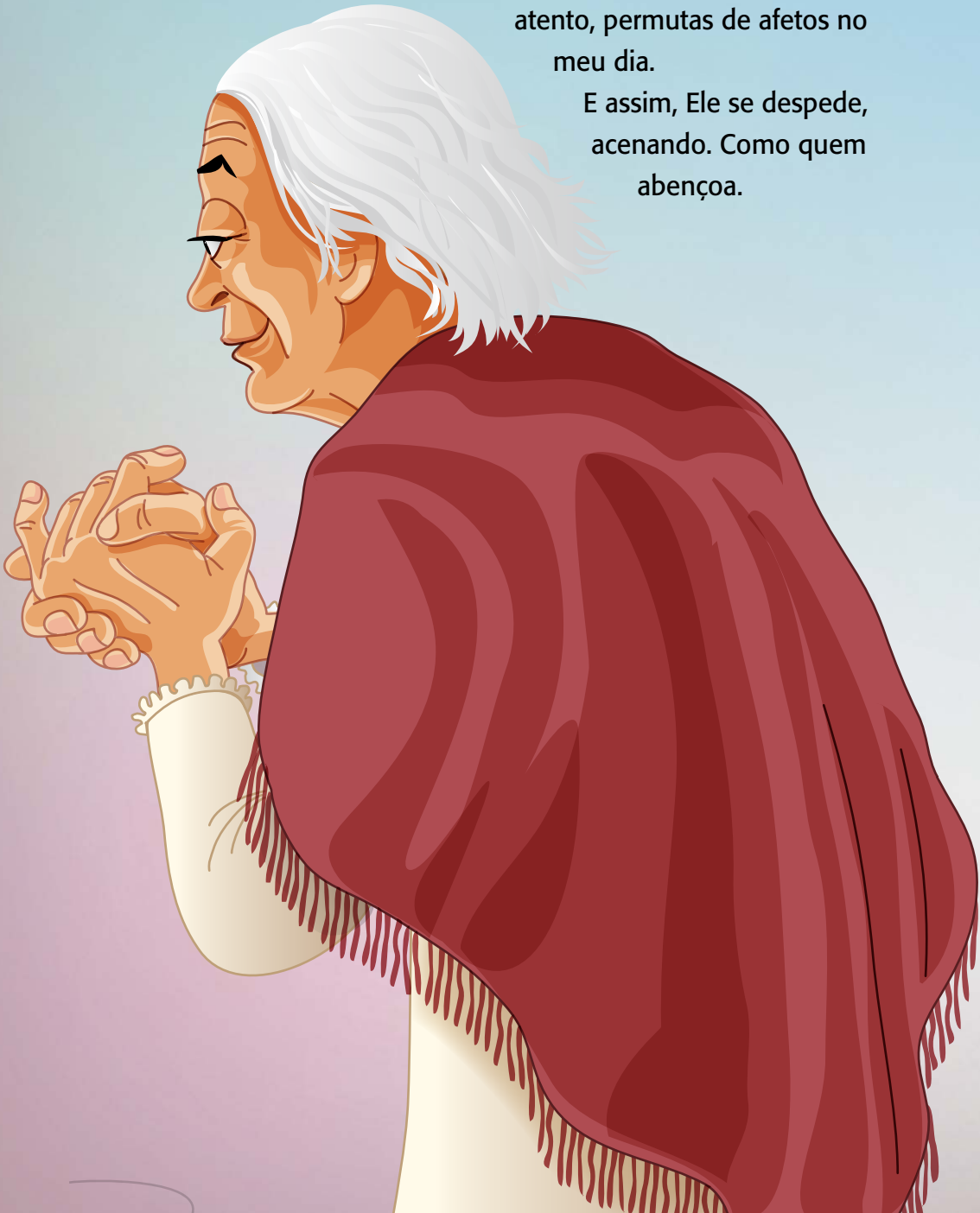
– Considere que eu sou um seu filho amado, como os outros que você ajudou a nascer.



– Então, desce comigo do meu morro a caminho do mar, participe da vida com seus irmãos. Eles são muitos. E muito carentes.

– Não vou poder agora me juntar a eles. Mas vou lhes dar um presente e eles ficarão contentes: são luzes, sons, cores, o meu olhar atento, permutas de afetos no meu dia.

E assim, Ele se despede, acenando. Como quem abençoa.



CAPÍTULO II

Zé Zus desce o morro e caminha à beira-mar, pisa a alva Areia Preta, ultrapassa a Ponta do Morcego e chega à Fortaleza dos Reis Magos. O monumento é uma estrela de pedra de cinco pontas assentada sobre arrecifes no mar. Vigia a larga boca da barra do rio Potengi.

Zé Zus reconhece a fortificação ordenada pela Coroa: um rei chamado Felipe II mandou construir a Fortaleza, expulsar os franceses e fundar a Cidade do Natal.

A edificação abriga o Marco de Touros, o mais antigo objeto da presença europeia em continente americano. Com solenidade, o Marco foi posto, na Praia do Marco, por Américo Vespúcio. A expedição documenta o Brasil, o Novus Mundus como posse do sereníssimo rei de Portugal, o venturoso dom Manuel.



De súbito, soa voz de sentinela do passado:

– Quem vem lá?

– Eu sou Zé Zus, renascido em Natal. Vim conciliar-me com os que aqui viveram, com os que aqui sofreram o martírio, aqui lutaram, acreditando viver para a liberdade.

E assim, todo o passado torna-se presente. Como num passe de mágica, o índio Jaguarari, dependurado nas muralhas, é libertado. Saram as feridas abertas à espada no ventre de André de Albuquerque, o chefe precursor do Governo Republicano. Portugueses e holandeses, tupis e tapuias, todos abasileirados, confraternizam-se, desencantados pelo desejo de Zé Zus. Com forte voz, mestre Manoel Marinheiro canta a história dos heróis. O canto termina assim: Se perguntar quem cantou / hoje aqui neste lugar / diga que foram três reis / Gaspar, Belchior e Baltazar.

Ao final, Zé Zus se despede dizendo:

– Vim para promover a paz e, também, agradecer aos Reis o ouro, incenso e mirra que me presentearam há mais de dois mil anos. A gratidão é a memória do coração. Fiquem com Deus!

E, então, todos voltam à transparência secular consentida.

CAPÍTULO III

Z é Zus, distraído, retorna pensando como seria bom se, todo o tempo, pudesse pisar sobre a areia da praia. Sobe a Ladeira do Sol e vai ao bairro Petrópolis, lugar de Pedro, Simão, seu amigo doutro tempo.

Pedrinho veste, como Zé Zus, bermuda e camiseta branca de algodão, sandálias japonesas. É um pequeno morador de rua, com cara de índio e cabelo arruivado. Seria um tardio descendente de normandos ou bretões com índia potiguar? Pedro se mostra surpreso e feliz:

– É motivo de alegria ver você do meu jeito.

– Mas as minhas vestes estão asseadas e cheirosas – provoca Zé Zus.

– É que eu limpei este livro na minha camisa, desculpa-se Pedrinho. Fui procurar alguma boa comida naquela lixeira e veja o que encontrei!

É um livro colorido com aquarelas.

Na capa, o nome O Pequeno Príncipe.

O autor do texto e das ilustrações é Antoine de Saint Exupery,



um piloto francês. Em outro tempo, Antoine desenhava, por gosto: caricatura das irmãs, retratos de companheiros, cavalos, veados, patos, soldados e mulheres especiais. Ele voara até aqui vindo da África.

Zé Zus folheia o livro resgatado e para no desenho de um pequeno príncipe que morava no asteróide B612. Pedrinho pede:

– Zé, você é capaz de tirar esse menino do livro para passear conosco neste dia?

– Você está certo. É o meu dia, hoje é nosso dia. E Zé Zus aponta para o livro dizendo:

– Vem!

Imediatamente, Tom, um pequeno príncipe, obedece. Sai do livro, respira forte, se espreguiça e sorri. Os seus cabelos dourados, que lhe deram o apelido de Rei Sol quando vivia em um castelo estilo Luis XII, harmonizam-se com a echarpe amarela.

Conduz uma espada e veste manto real verde e vermelho, longas botas, estrelas sobre dragonas, uma gravata em flor.



– Tom, – diz Zé Zus com ternura – roupas identificam as pessoas. Os homens costumam julgar pelas aparências. Você não precisa dessas vestes solenes. Elas são mesmo inconvenientes para o nosso passeio. E, com um estalar de dedos, o príncipezinho fica vestido igual aos outros dois. Tom fica satisfeito com a nova roupa e explica que nada perde e que, por merecer amigos, é o único no universo. Ele gosta de perguntar:

– Estou na Terra, o planeta conectado?

– Está sim, planeta conectado, mas ainda não, diz Pedrinho.

– Com a vida virtual, os homens acabam se esquecendo de viver.

– Não. Chama-se Paraíso o lugar onde se vive bem, diz Zé Zus.

Aproxima-se, do trio de meninos, um jovem de cabelos dourados, com um livro embaixo do braço. Da cabeça dele sai uma luz branca, como o título: A Cidade de Deus.

Pedrinho apresenta:

– Esse é o meu amigo Tim, Agostinho. Ele sabe muito sobre a vida, um bocado de história.

– Venha conosco, professor – convida Zé Zus.

– Você estuda muito – diz Pedrinho.

Diga para quê!

– Estudo para tentar construir um mundo melhor. Saber por saber é curiosidade; saber para ter poder é ambição; para enriquecer com a ciência é apenas negócio; não se preocupar em ajudar os outros é egoísmo; e não se importar em ajudar os outros é caridade.

– Explique para mim como está a amizade neste planeta conectado.





do, pede Tom.

– A amizade? Continua Tim. Os *chats*, as múltiplas formas de comunicação na *web*, produzem uma animação social. Operam como se não houvesse fronteira entre o real e o virtual. São um bálsamo social. Mas aprisionam. É como se houvesse uma barreira de vidro entre os que se comunicam virtualmente.

Raízes sólidas não penetram o chão dos participantes. Em qualquer idade, a amizade exige uma presença física. Não apenas a criança é a semente do homem. A verdade é que o homem conduz, sempre, dentro de si, uma criança.

– Vamos à procura dos homens, convoca Tim.

Em um descampado, encontram uma casa deserta, que parece tão grande como uma catedral. As portas estão abertas. Batem palmas. Dizem ô de casa! Mas somente o eco responde.

Na sala principal, sobre um estrado de mármore branco, jaz o morto. Seria o único habitante da casa. É um corpo grande e pesado, vestido de escuro. Os olhos fechados. Sob a larga testa, o nariz anguloso. Na boca, um leve sorriso imóvel.



– Pena que não pode nos dizer a sua história – diz Pedrinho. Notei que há um livro de visitantes, mas, infelizmente, está em branco.

– O seu silêncio está em harmonia com a sua morada, comenta Tom.

– A morada desse corpo, inevitavelmente, é a sepultura, volta Pedrinho.

Zé Zus toma a palavra e ensina:

– Todo homem é feito de tempo. Este é o termo, o término. Ele, assim como vocês, é eterno. Já começou a gozar a paz da sua eternidade.

De súbito, ouvem uma espécie de salmo pausado e monótono, mas sentem ser um louvor: *“Bendito seja a luz do dia, / Bendito o amor que alumia, / Bendito seja a harmonia / Bendito seja o filho de Maria.”*

– Louvado seja, disseram três meninos ao mesmo tempo.

– A morte humana – diz Tom - é triste, mas é boa: cura o medo, as dores, sofrimentos. E faz o homem sem antes nem depois.

Assinala Tim:

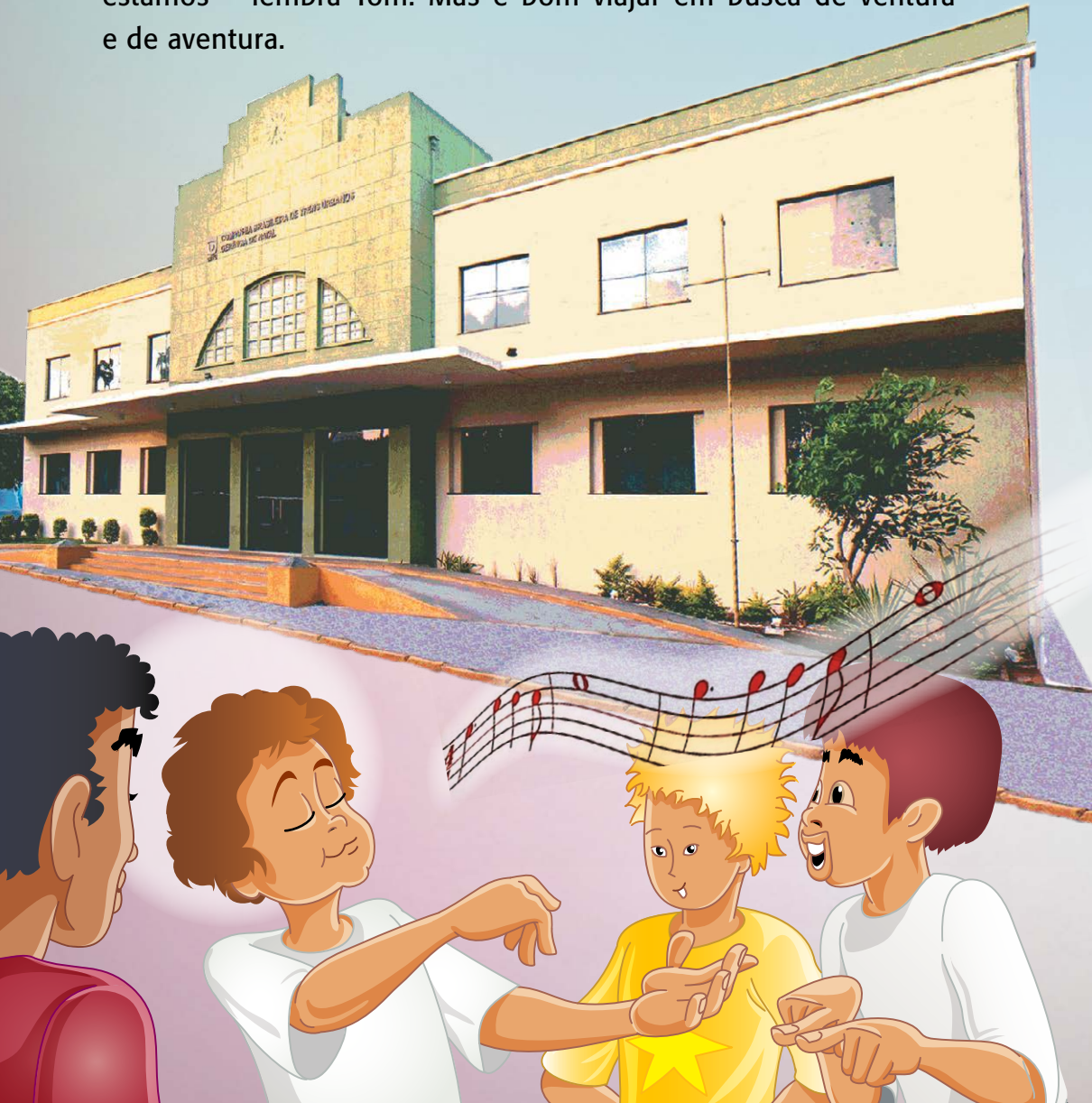
– Agora se desfez o mistério que é a vida. Seria a vida apenas uma dança com a morte? Esse homem era tão sozinho que não deixará luto. Outros homens é que terão a responsabilidade de ser a consciência do mundo.



CAPÍTULO IV

Na Ribeira, a turma chega à Estação Ferroviária. Avistam a casa do sábio que qualificava este chão: esta é a Cidade do Natal. Na Estação, veem a partida de uma composição ferroviária.

- O trem é bom ritmista, mas cadê a melodia? brinca Pedrinho.
- Um amigo me ensinou que nunca estamos contentes onde estamos – lembra Tom. Mas é bom viajar em busca de ventura e de aventura.



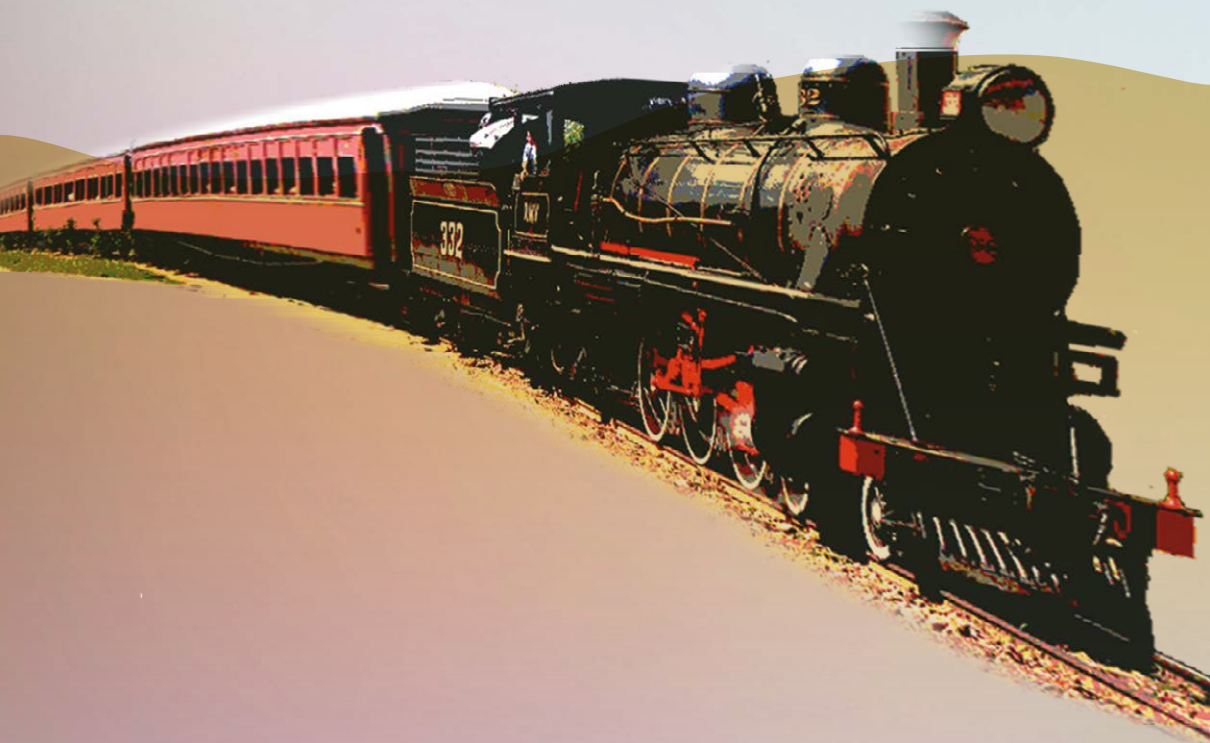
– O mundo é um livro – concorda Tim – que carecemos ler e tentar entender.

Viajando, Heitor Villa Lobos concebeu O Trenzinho Caipira, tocata da Bachiana Brasileira nº 2. Certamente, a vida é viagem. E a boa música é uma nova vida.

– Mas essa não é a música preferida deste bairro, diz Pedrinho. Aqui na Ribeira, a preferência é pela música brega, é onde vivem vendedoras do sexo. São pecadoras que moram nas casas antigas porque o pecado é antigo.

Zé Zus o repreende:

– Pedro, você nunca pecou? Elas têm vida difícil, sofrem. E estão perdoadas.



– Então perdoe a mim também. Reconhecer o erro é o primeiro passo para acertar, reconhece Pedro.

Os amigos chegam ao Canto do Mangue, onde se amontoam peixes nobres: são ciobas, sirigados, camurins, galos do alto. Os plebeus são cangulos, parus, mariquitas.

Decidem atravessar o rio. Já no alto da ponte, recolhem encantos. A aliança do rio com o mar, a verde água próxima e azul no horizonte. O rio expande e duplica o casario. Fluem as brancas velas pandas ao vento. No fundo do Potengi amado, repousam escondidos lemes, âncoras, quilhas de barcos, pobres lembranças de navios famosos em decorridos naufrágios.



– Este rio é bom. Os nossos companheiros pousavam no Potengi, lembra Tom.

– É verdade, diz Tim, assumindo o ar de professor: Esta morada, densa de peixes, o Rio dos Camarões tem história. Personagens notáveis fruíram vivências, lendas e cantigas à luz da manhã ou ao céu crepuscular. Era o Fluvius Grandis dos flamengos que se tornou ancoradouro dos hidroaviões, de pioneiros italianos, ingleses, espanhóis, portugueses. Os pilotos franceses Mermoz, Paul Vachet, Tom, fizeram-lhe festas. É um rio que atende aos desejos de meninos e homens. Aliás, todo homem tem um rio correndo na sua infância.

Pedrinho, em delírio, aponta:

– Vejam! Perto da velha ponte de ferro, cavalos negros estão trotando sobre as águas.

Zé Zus corrige:

– Que cavalos, Pedro? Você está vendo apenas o dorso de golfinhos que parecem divertidos, pescando. Você ainda é pescador. Pescador de homens.



CAPÍTULO V

Depois de atravessarem a ponte, à margem esquerda do rio, os meninos encontram uma capelinha iluminada por velas votivas. A igrejinha fora construída por velhos pescadores com pedras escuras de arenito. Quem tem ouvido ouve renovada prece de antigamente: *“Santa Maria / Mãe de Deus / rogai por nós / pescadores / agora e na hora da nossa morte. Amém!”*

Tim recomenda: Só a oração e o tempo constroem o homem. É preciso fazer a prece e acreditar na sua suficiência. Orar é também se comprometer a seguir os mandamentos de Deus. A oração é quase sempre de quem precisa de ajuda, graça, iluminação para o caminho.

Zé Zus continua recomendando: – Não dê crédito a vozes que o vento traz e o vento leva. Sinta os olhares que são beleza, minhas palavras são vida.

– Por falar em vida, Zé, brinca Pedrinho, para viver eu preciso comer. – Vocês não têm fome? Eu estou faminto.

No Mercado Público, são atendidos com o único produto que ali é servido: ginga com tapioca. O dourado do peixinho sob a morna brancura da goma aumenta o apetite. Para beber, água de coco verde.

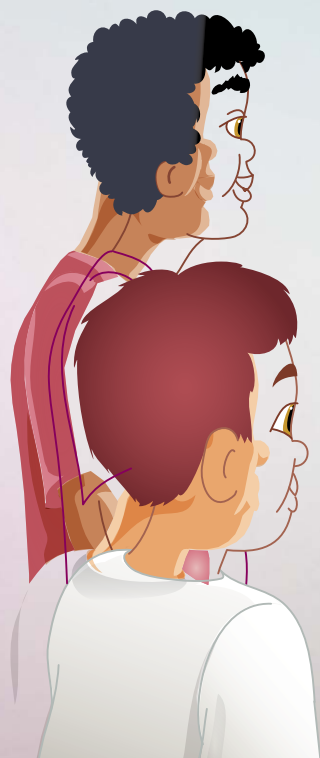
Tom comenta:

– A água é boa e doce para o coração.

Pedrinho aponta para uma casa amiga e convida:

– Coqueiros altos, sombra acolhedora e rede branca de varandas são irrecusáveis.

– No meu planeta, há baobás, mas não há carneiros para comer os brotos, Tom lamenta. Noutro plano, ainda criança, eu tentei criar uma andorinha que caíra do ninho, mas ela



morreu empapada de pão e vinho.

– Somente a boa palavra alimenta, sorrindo, diz Zé Zus.

– Levantamos a cidade de Deus com o suor e cinza de cada dia – completa Tim.

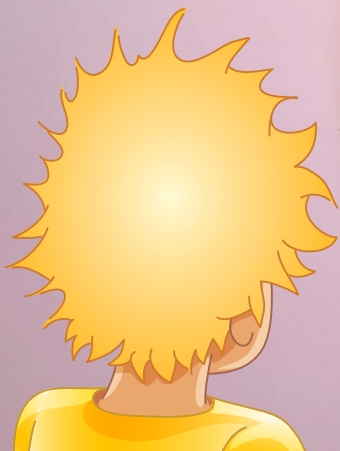
– Explique a história desta cidade, pede Tom.

A Zona Norte de Natal segue a tendência urbana do País: é a que mais cresce. É dinâmica, tudo é movimento – afirma Tim. Busque para encontrar e encontre para continuar buscando. Somos a casa de Deus. Aqui em Igapó, Aldeia Velha, nasceram Felipe Camarão, o índio Poti, e Clara Camarão, sua mulher. Ela é considerada a primeira heroína do Brasil. Comandou um batalhão de mulheres guerreiras que lutaram na expulsão dos invasores holandeses. Essa foi a primeira guerra de libertação do País.

– E eles conseguiram a liberdade do povo? – pergunta Pedrinho.

– Conseguiram ampliar o sentimento de amor à Pátria.

A liberdade não consiste em expulsar o estrangeiro, poder impor a vontade pessoal em transgredir. A verdadeira liberdade está no íntimo da pessoa, é ter pensamento próprio – conclui Tim.



CAPÍTULO VI

Para mim, a verdadeira liberdade é velejar, diz Pedrinho. Fico triste porque nunca tive uma jangada.

Zé Zus sorri. Quando os meninos chegam à beira do rio, encontram uma jangada pronta, toda equipada. Os quatro meninos velejam, sob a maestria de Pedro, para a Zona Sul.

Para divertir os companheiros, Tom conta:

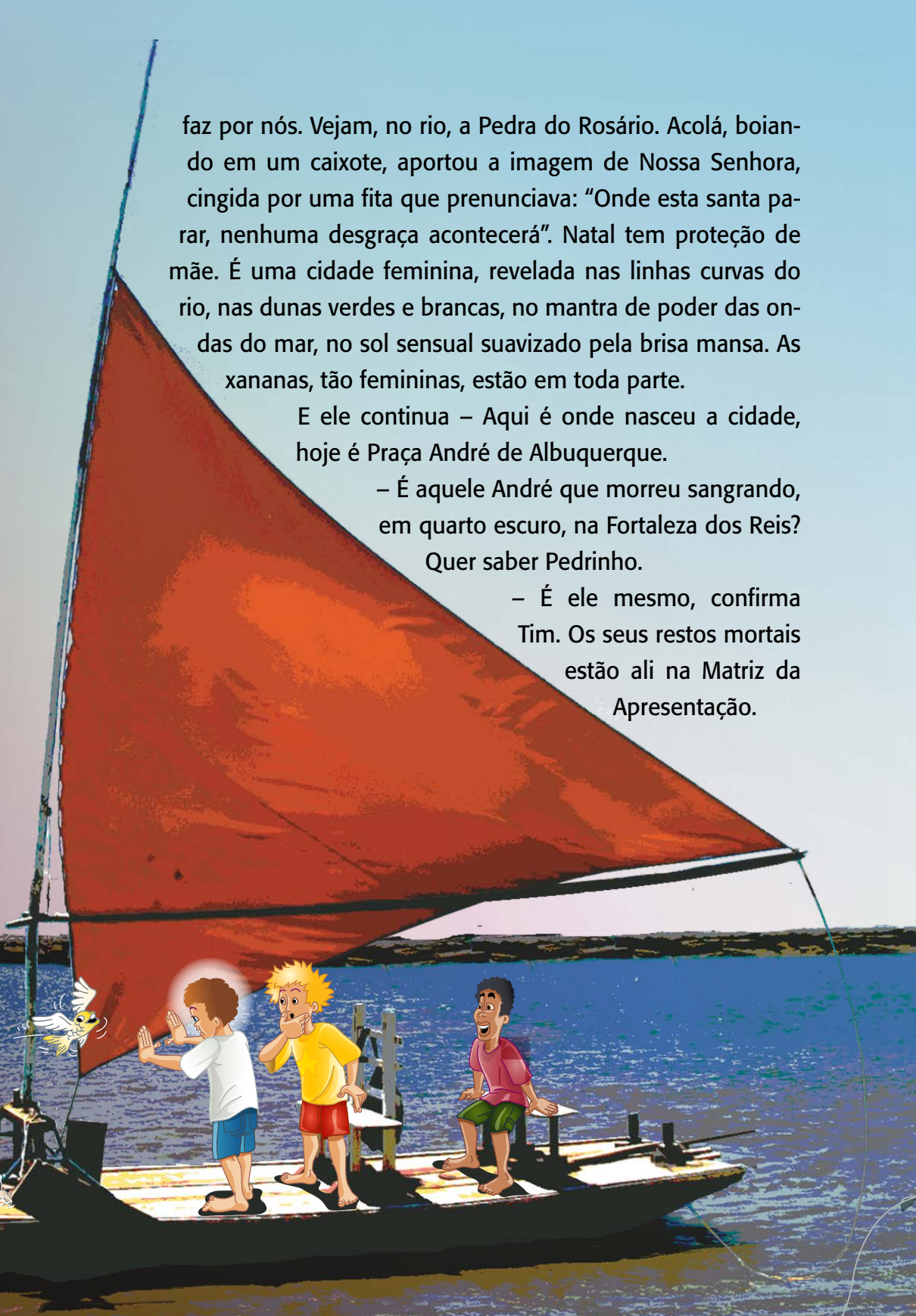
– Já retratei Napoleão Bonaparte com jeito de bule, um jarro alado. Pintei soldados simpáticos, bailarinas azuis, estrela-flor, outras que nascem de ramos, uma mão liberta do corpo, abrindo uma porta.

Pedrinho, comandando a jangada, não escuta, está olhando atentamente a água. Lança a tarrafa e, surpreso, colhe peixes de forma e aparência estranhas, que Zé Zus, brincando, inventava. Peixes com asas, a cara triste do xaréu fica espaiada em sorriso. Os pescados na gamboa, reunidos, formam as sete cores do arco-íris.

Do Cais, subiram à Cidade Alta porque Tom queria rever a bela casa de Dona Amelinha, onde, como piloto, hospedara-se. Avistaram a igreja dos Pretos do Rosário, construída há séculos pelos escravos.

Tim reprova todos os tipos de escravidão, inclusive a do dinheiro, e acrescenta que devemos doar o excesso de bens aos pobres. Não é importante o que temos ou o que fizemos. Vale mais o que Deus





faz por nós. Vejam, no rio, a Pedra do Rosário. Acolá, boiando em um caixote, aportou a imagem de Nossa Senhora, cingida por uma fita que prenunciava: “Onde esta santa parar, nenhuma desgraça acontecerá”. Natal tem proteção de mãe. É uma cidade feminina, revelada nas linhas curvas do rio, nas dunas verdes e brancas, no mantra de poder das ondas do mar, no sol sensual suavizado pela brisa mansa. As xananas, tão femininas, estão em toda parte.

E ele continua – Aqui é onde nasceu a cidade, hoje é Praça André de Albuquerque.

– É aquele André que morreu sangrando, em quarto escuro, na Fortaleza dos Reis?

Quer saber Pedrinho.

– É ele mesmo, confirma Tim. Os seus restos mortais estão ali na Matriz da Apresentação.

CAPÍTULO VII

Os meninos caminham para o sul da cidade. São José é indicação da rua. Tom apresenta o colosso vegetal seu velho conhecido, e ensina:

– Com desmedida energia interior, os baobás são monarcas. Este tronco do Baobá do Poeta mede 18 metros de circunferência, tem equivalente altura, as folhas semelham dedos de uma mão. Por essa razão, o seu nome científico é *Adansônia Digitata*. Ao pé do baobá, meninos de colégio aprendem sobre virtudes do meu personagem e com isso crescem o seu natural amor à natureza. A árvore foi objeto de singular, verdadeiramente única, homenagem circense. O dono de um circo, que estava de passagem, sabedor da história, trouxe para cá dançarinas que abraçaram o tronco rugoso do baobá, palhaços fizeram graças, elefantes e camelos desfilaram ao seu redor. Eu vi muitos baobás na África – continua Tom, entretanto, considero mais importante as flores que compõem a beleza desta árvore. Tomam várias cores, surgem com um botão verde, abrem-se em branco, depois bege, tornam-se marrom e, por fim, violeta. São aveludadas as flores desta espécie.

– Mas eu não consigo ver flores! contesta Pedrinho.

– O essencial é invisível aos olhos – replica Tom. Só se vê bem com o coração. Tenha paciência, amigo. A partir de janeiro, as pessoas poderão ver



Parecem ser eternas aos olhos dos homens.
No entanto, as folhas lembram a fugacidade da vida. E, abrindo a mão, Zé Zus inventa uma flor em plenitude de beleza.

– De você sempre se espera o inesperado! Enaltece Pedrinho.

– Esta é árvore de Natal. Vejam!

Zé Zus levanta o braço e o grupo, maravilhado, no instante vê a árvore elevar-se como um gigantesco guarda-chuva e abrigar toda a cidade.

– Amar Zé Zus não é apenas fácil, é inevitável – afirma Tim.

Enquanto os meninos estão contando alegrias, desce a noite.

Pedrinho nota:

– Está muito escuro. E agora?

Zé Zus apanha um punhado de sementes de baobá e lança para o alto. E, uma a uma, as sementes tornam-se estrelas, formam constelações.

– Milagres não são contrários à natureza, mas contrários ao que entendemos ser a natureza – filosofa Tim.



CAPÍTULO VIII

As estrelas iluminam os bairros da cidade, notadamente os mais pobres.

– Por que não vimos as pessoas grandes? – pergunta Pedrinho.

E Tom responde.

– Os homens deixam-me triste. Muitos são os desesperançados: vaidosos, bêbados, drogados. Outros não se permitem o ócio dos negócios, são prepotentes, cobiçosos, narcisistas. Todos eles desesperados. Por isso, são invisíveis para vocês. Mas, em verdade, os eleitos por Zé Zus são humildes, mansos, solidários, puros de coração, são os amorosos. São os que cultivam a arte de viver. Função do homem é ser a boa consciência do universo.

Tím pensa alto:

– Dois homens olham através



das grades de uma prisão. Um vê a lama; o outro, as estrelas.

Tom:

– Eu conheci um bêbado, um vaidoso, um homem demasiadamente sério e um rei prepotente – que me fez seu embaixador. Nesta Cidade dos Reis, todos somos súditos, mas alguns imaginam ser reis, tão poderosos que até as estrelas lhes obedecem. Em verdade, eles são de diminuta utilidade. De pouca valia são eles. Ninguém é feliz sem ser útil. Nem é útil sem ser feliz. Quem não é socialmente útil vive em solidão.

– Estar só, estar consigo mesmo é essencial para a higiene do espírito, diz Zé Zus. No deserto o homem se fortalece e resiste às tentações. O deserto dá lições do que é ser invulnerável.

– O homem está sozinho no universo? – insiste Pedrinho.

– Saiba, Pedro, a minha casa tem muitas moradas.



CAPÍTULO IX

Seguindo o itinerário imaginado, passaram os meninos pelo Campus Universitário. Pedrinho pergunta:

– Que tanto conversam mestres e doutores?

– A mais importante função das universidades é buscar um sentido para a vida, responde o professor Tim.

Pedro contesta:

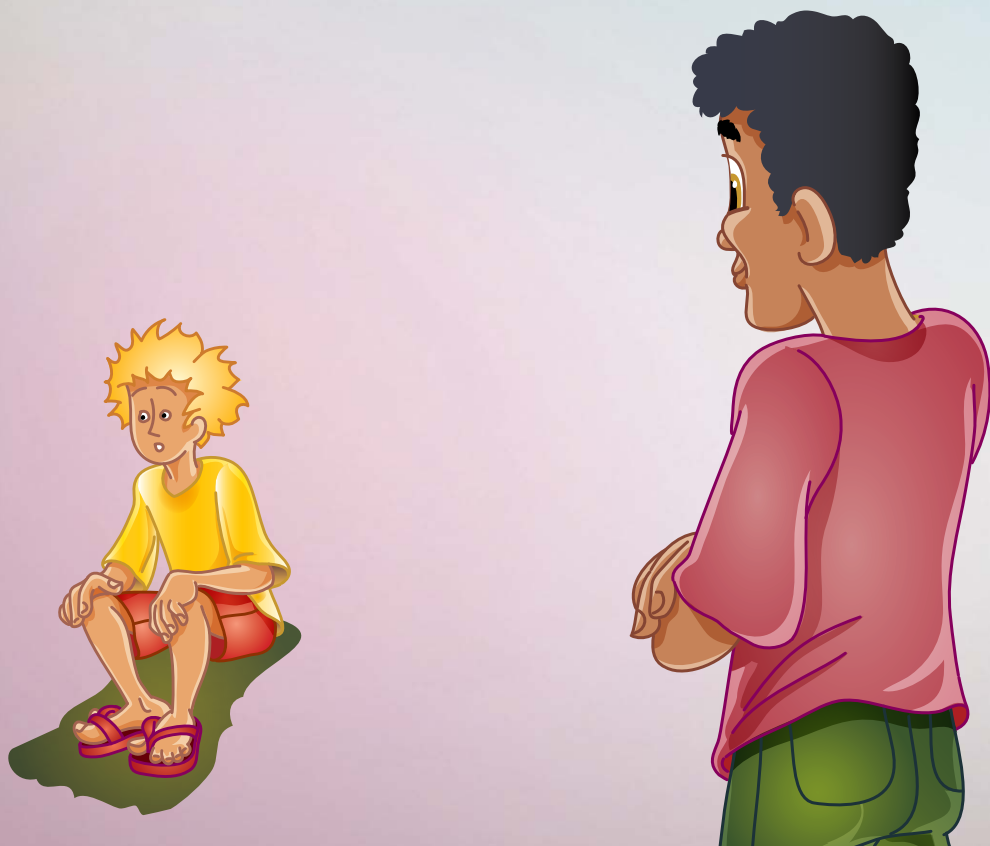
– Mas, há coisas difíceis de entender. Apenas se há curso de Teologia, ensinam o pensamento de Cristo. Não ensinam as



lições do Pensador no curso de Filosofia. Há um curso de Direito, mas não há curso de Justiça. A própria expressão *direito* pode dar a impressão de não conter deveres. Mais íntimo do homem deve ser a consciência que a ciência. Neste Campus, não apenas se outorgam títulos profissionais e graus acadêmicos, mas ouvi falar que, após transmissão do conhecimento, pretende-se inventar o futuro.

Zé Zus aponta um canto de muro que está florado e, a um tempo, divertido e cerimonioso, diz:

– Olhai as xananas do Campus! Nem Salomão, a quem o meu Pai concedeu ser o mais poderoso e sábio rei, vestiu-se como uma delas.



CAPÍTULO X

Seguiram os meninos por larga avenida até Ponta Negra. Ao avistarem o Morro do Careca, Pedrinho convoca:

– Ele não é tão careca assim. Zé, precisamos cuidar de sua cabeleira verde. Natal, a Sua cidade, é verde no mar, no rio, nas dunas. Dá para ver a claridade, o seu ar. Nós mudamos, mas ainda não atingimos o grau de responsabilidade que devemos ter por nosso planeta. Nem sempre construímos em harmonia com a natureza.

No caminho, os meninos passaram pelo estádio de futebol. Veem uma bola preta e branca, de borracha. Pedrinho convida:

– Vamos jogar uma pelada, uma mirim, como se diz aqui!

Improvisam “traves” com paralelepípedos em três minutos, Zé Zus faz quatro gols.

Pedro reclama.

– Vamos parar! Desse jeito, vamos levar uma enorme goleada. E eu quase estava fazendo um gol, mas assim não dá! Com milagre não dá!...

– Ser humano é ser responsável, é sentir que colabora na construção pessoal. A ecologia é a ética e a estética da natureza, diz Tim.

Pedrinho mostra o livro e diz que deseja comparar as falésias. Ao chegarem à Barreira do Inferno sentem a sua inquietante beleza, escuras e escarpadas falésias. Pedrinho interroga:

– Depois desta barreira, é o inferno?

– Que inferno Pedro? Responde Zé Zus – O inferno e o paraíso



estão no mais íntimo do homem. Depois dessa falésia, está uma base em que os homens costumam lançar foguetes, seriam mensagens ao céu. Lembre-se Simão Pedro, nós também temos um livro, a Bíblia. Já está até fora deste planeta. Pilotos dos astros deixaram o nosso livro na lua.

– As pessoas grandes acreditam em nosso livro? Pergunta Pedrinho.

– Poucos o leem, poucos o entendem. Muitos se tornam infelizes porque não têm fé, diz Zé Zus. Outros, tendo fé, são infelizes até por não tolerarem a forma da fé alheia, não sabem respeitar as diferenças. Somente os que são como meninos sabem a grandeza de Deus.

– A Sua grandeza? – pergunta Pedrinho. Mas ele não responde. Está olhando para o alto, em silêncio.

Tim reflete:

– A terra é a nossa morada. Assim, cada um de nós é responsável para que o planeta esteja limpo, sempre coberto com uma camada de azul.

– Sinto que isso faz você alegre, diz Pedrinho.

– É preciso estar sempre pronto para ser feliz, pensa alto Tom.



CAPÍTULO XI

Ouçam os pássaros desta Cidade. Eles são os habitantes do ar. Encantam a plumagem em cores, o canto do galo de campina, o arrulhar das rolinhas, sonoridades únicas de tico-ticos, o dueto dos sanhaços. Os beija-flores aninham-se nos galhos das muitas árvores. São todos pássaros sem teto. Aqui se abrigam. Entendam as suas composições, variados estilos, modulação, exercitação do canto.

– Eu já criei uma araponga – relembra Tom. Ela era bela e tinha um canto metálico, estridente.

Zé Zus põe a mão sobre a cabeça de cada menino e eles passam a entender as flores, e os pássaros, em canto e harmonia.

Os sinos tocam a meia-noite. É hora intensamente mística: o encanto se desfaz, os quatro meninos se abraçam, Nesse momento,



o amor faz saber que são iguais, e é chegado o tempo da partida. Eles abandonam o corpo e se vão, subindo, até se confundirem com o azul.

Eles sabem que poderão voltar à cidade em que todo dia é dia de Natal, ou a qualquer lugar do mundo. É preciso estar atento, vigiar. A ninguém nunca foi revelado o que é o tempo. Quanto a nós, devemos observar os sinais. Poderá ser uma revoada de pássaros, a intensidade do azul, flores voando. Não será milagre, mas uma indicação de que eles voltaram.

Por isso, quando você encontrar meninos caminhando, conversando como amigos, trate-os com respeito e carinho. Entre eles, poderão estar Zé Zus, Tom, o professor Agostinho e Pedro, o pescador de homens.





Tipografias utilizadas:

Formata

Papel da capa:

Couchê Brilho 300g

Papel do miolo:

Couchê brilho 170g

Impresso na Copiart em 2018.

Todos os direitos são reservados à Editora IFRN,
não podendo ser comercializado em período de
contrato de cessão de direitos autorais.

Em caso de reimpressão com recursos próprios
do autor, está liberada a sua comercialização.



NOTÁVEIS DO RN

O selo Notáveis do RN é fruto de um acordo de cooperação entre a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (ANRL) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

A construção de sua marca levou em consideração aspectos importantes do fazer da ANRL e do IFRN, envolvendo o registro histórico e a preservação da língua, da literatura e dos costumes do Rio Grande do Norte, bem como a atuação no presente, através da educação, da ciência, da tecnologia e da cultura, visando à construção do futuro.

Para tanto, três conceitos foram aplicados, a saber:

1. Elefante: compreende em si a representação do Estado do Rio Grande do Norte, cujo mapa possui a forma de um elefante, como também evoca a Memória, tendo em vista o dado cultural que apresenta esse animal como dotado de grande capacidade de memorizar.
2. Coroa de louros: símbolo da imortalidade e da conquista, sendo utilizada nas competições gregas como representação da vitória, aqui é empregada como referência àqueles que, através de seu trabalho, contribuíram (e contribuem) para a valorização da literatura, da arte e da cultura do Rio Grande do Norte.
3. Bico de pena: faz alusão ao tradicional instrumento com o qual eram escritas as obras literárias, representando a escrita como forma de construção e preservação da cultura.



editoraifrn

Em mais de 12 anos de história, a Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) já publicou livros em todas as áreas do conhecimento, ultrapassando a marca de 150 títulos. Atualmente, a edição de suas obras está direcionada a cinco linhas editoriais, quais sejam: acadêmica, técnico-científica, de apoio didático-pedagógico, artístico-literária ou cultural potiguar.

Ao articular-se à função social do IFRN, a Editora destaca seu compromisso com a formação humana integral, o exercício da cidadania, a produção e a socialização do conhecimento.

Nesse sentido, a EDITORA IFRN visa promover a publicação da produção de servidores e estudantes deste Instituto, bem como da comunidade externa, nas várias áreas do saber, abrangendo edição, difusão e distribuição dos seus produtos editoriais, buscando, sempre, consolidar a sua política editorial, que prioriza a qualidade.